

**JNT FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY JOURNAL**  
**ISSN: 2526-4281 - ANO 2026 - MÊS DE SETEMBRO**  
**DOSSIÊ TEMÁTICO: "SOCIOLINGUÍSTICA E ENSINO:**  
**ABORDAGENS CRÍTICAS, INTERCULTURAIS E DECOLONIAIS"**  
**Ed. 77. Vol. 1 - Págs. 80-97**  
**DOI: 10.5281/zenodo.22280687**



**QUALIS**  
**A2**



# **‘NÓS’ E ‘A GENTE’ NA FALA CULTA DE PALMEIRANTE-TO: ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO VARIACIONISTA<sup>1</sup>**

## **‘NÓS’ AND ‘A GENTE’ IN THE EDUCATED SPEECH OF PALMEIRANTE, TOCANTINS: A VARIATIONIST SOCIOLINGUISTIC STUDY**

**Felipe Pereira MARANHÃO<sup>2</sup>**

**Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)**

**E-mail: [letrasfelipe07@gmail.com](mailto:letrasfelipe07@gmail.com)**

**ORCID: <http://orcid.org/0009-0003-3419-3402>**

**Francisco Edviges ALBUQUERQUE<sup>3</sup>**

**Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)**

**E-mail: [fedviges@uol.com.br](mailto:fedviges@uol.com.br)**

**ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0004-1887>**

80

### **RESUMO**

Esta pesquisa investiga a utilização do sujeito pronominal “a gente” em substituição à forma “nós” entre falantes da norma culta do município de Palmeirante, localizado na região norte do estado do Tocantins. O estudo fundamenta-se na Sociolinguística Variacionista e adota abordagem qualitativa, de caráter descritivo e explicativo. Os dados foram coletados por meio de dez entrevistas sociolinguísticas gravadas e transcritas, realizadas com cinco informantes do sexo masculino e cinco do sexo feminino, com idades entre 25 e 50 anos, todos com ensino superior completo e residentes no município há pelo menos dez anos. Ao todo, foram identificadas 138 ocorrências de referência à primeira pessoa do plural, das quais 118 (86%) corresponderam à variante “a gente” e apenas 20 (14%) à variante “nós”. Constatou-se a predominância da variante inovadora, mesmo entre falantes com elevado nível

<sup>1</sup> COMO CITAR: (ABNT): MARANHÃO, F. P.; ALBUQUERQUE, F. E. ‘Nós’ e ‘A Gente’ na Fala Culta de Palmeirante-To: Estudo Sociolinguístico Variacionista. **JNT Facit Business and Technology Journal**. Qualis A2. ISSN: 2526-4281, Mês de Setembro de 2026 - Ed. 77. VOL. 01. Págs. 80-97. Disponível: <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. Acesso em: \_\_/\_\_/\_\_.

<sup>2</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLIT – UFNT). Possui graduação em Letras (Língua Portuguesa e Suas Respectivas Literaturas), pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), e Pós-Graduação Lato Sensu em Literatura Brasileira no Contexto da Literatura Universal, pela Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo (FAMEESP). Atualmente, é professor efetivo da Secretaria de Educação do Estado do Tocantins (SEDUC-TO), atuando na função de Coordenador Pedagógico de Área. E-mail: [letrasfelipe07@gmail.com](mailto:letrasfelipe07@gmail.com).

<sup>3</sup> Universidade Federal do Norte Tocantins UFNT. Possui Mestrado em Letras e Linguística, pela Universidade Federal de Goiás (1999) e Doutorado em Letras, pela Universidade Federal Fluminense (2007). Atualmente, é professor titular da Universidade Federal do Norte do Tocantins. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística e Dialetoлогия, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, educação escolar indígena, língua Apinayé, interculturalidade e educação indígena. Professor de Curso de Educação continuada para os Professores indígenas e não indígenas da Educação Básica do estado do Tocantins, no período de 2002 a 2010. E-mail: [fedviges@uol.com.br](mailto:fedviges@uol.com.br)

de escolarização, o que contraria a hipótese de que a norma culta favoreceria a manutenção da forma conservadora. A análise dialoga com estudos de referência sobre o tema, como os de Lopes (1998), Zilles (2007) e Vianna e Lopes (2015), que apontam a consagração de “a gente” no português brasileiro contemporâneo. Os dados de Palmeirante-TO corroboram a interpretação de que a variante inovadora já se encontra amplamente difundida em diferentes comunidades de fala, independentemente do grau de escolarização dos informantes.

**Palavras-chave:** Sociolinguística variacionista. Variação pronominal. “A gente”. “Nós”. Norma culta.

### ABSTRACT

This study investigates the use of the pronominal subject “a gente” as a substitute for “nós” among speakers of the standard variety in the municipality of Palmeirante, located in the northern region of the state of Tocantins, Brazil. The research is grounded in Variationist Sociolinguistics and adopts a qualitative approach with a descriptive and explanatory design. Data were collected through ten sociolinguistic interviews, which were recorded and transcribed, conducted with five male and five female informants, aged between 25 and 50 years, all of whom hold a university degree and have lived in the municipality for at least ten years. A total of 138 occurrences of first-person plural reference were identified, of which 118 (86%) corresponded to the variant “a gente” and only 20 (14%) to the variant “nós”. The findings reveal a clear predominance of the innovative variant, even among highly educated speakers, which challenges the hypothesis that the standard norm would favor the maintenance of the conservative form. The analysis engages with key studies on the topic, such as Lopes (1998), Zilles (2007), and Vianna and Lopes (2015), which point to the consolidation of “a gente” in contemporary Brazilian Portuguese. The data from Palmeirante-TO support the interpretation that the innovative variant is already widely disseminated across different speech communities, regardless of the informants’ level of education.

**Keywords:** Variationist sociolinguistics. Pronominal variation. “A gente”. “Nós”. Standard language norm.

### INTRODUÇÃO

O fenômeno da variação linguística é um campo fecundo e produtivo da Linguística contemporânea, principalmente no que diz respeito aos estudos sociolinguísticos voltados ao português brasileiro. Entre as variantes mais documentadas na literatura, destaca-se o uso alternante entre os pronomes pessoais “nós” e “a gente” para a referência à primeira pessoa do plural, fenômeno que tem sido amplamente investigado em diferentes regiões do Brasil e em distintos estratos sociais da população (Lopes, 1998; Vianna; Lopes, 2015).

É nesse contexto que se situa o presente estudo, que se delimita ao município de Palmeirante, situado na região norte do estado do Tocantins (TO), analisando especificamente o comportamento linguístico de falantes com ensino superior completo, representantes da chamada norma culta local. A escolha dessa comunidade justifica-se pela relativa escassez de pesquisas sociolinguísticas sobre variedades do português falado no interior do Tocantins, o que confere relevância científica e regional ao estudo.

À luz dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, a alternância entre “nós” e “a gente” como formas de referência à primeira pessoa do plural configura uma variável pronominal de grande interesse para a descrição do português brasileiro na atualidade, sobretudo em comunidades pouco contempladas pelos grandes projetos de mapeamento linguístico. Considerando que a literatura aponta a expansão de “a gente” inclusive em contextos de maior monitoramento, torna-se pertinente indagar como essa dinâmica se manifesta entre falantes escolarizados de cidades do interior. Assim, dar-se-á seguimento ao estudo pautando-se no seguinte problema de pesquisa: a forma pronominal “a gente” está sendo, de fato, mais utilizada do que a forma “nós” como sujeito explícito de primeira pessoa do plural, em posição de sujeito, entre falantes com ensino superior completo residentes em Palmeirante-TO?

Trata-se de uma questão relevante, uma vez que a literatura sociolinguística sugere, de modo recorrente, que a escolaridade tende a favorecer o uso das formas conservadoras e prescritas pela norma padrão, o que tornaria esperável uma maior frequência de “nós” entre falantes escolarizados (Omena, 1989; Lopes, 1998). Portanto, investigar se esse padrão se confirma ou se contraria na comunidade de Palmeirante-TO é uma contribuição empírica às discussões sobre a expansão do uso de “a gente” no português brasileiro contemporâneo.

Assim, o objetivo geral deste estudo é investigar se a variante “a gente” encontra-se consolidada na fala de habitantes de Palmeirante-TO que possuem ensino superior completo e residem no município há pelo menos dez anos. Como

objetivos específicos, busca-se: a) descrever os fundamentos teóricos da Sociolinguística Variacionista como aparato analítico para o estudo da variação pronominal; b) examinar a trajetória histórica e os condicionamentos linguísticos e sociais do uso alternante entre “nós” e “a gente” no português brasileiro; c) analisar as ocorrências registradas no corpus, discutindo a relação entre escolaridade, sexo, faixa etária e preferência pela variante inovadora entre os informantes de Palmeirante-TO.

A metodologia adotada caracteriza-se pela abordagem qualitativa, de natureza descritiva e explicativa, fundamentada nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista de base laboviana (Labov, 1994; 2008). Os dados foram obtidos por meio de dez entrevistas sociolinguísticas gravadas e transcritas, realizadas com informantes selecionados segundo critérios de sexo, faixa etária, escolaridade e tempo de residência no município, buscando minimizar o monitoramento linguístico e favorecer a produção de fala espontânea. O corpus resultante totalizou entre 100 e 150 minutos de fala gravada, nos quais foram identificadas 138 ocorrências de referência à primeira pessoa do plural, submetidas a análise qualitativa e quantitativa.

Por fim, cumpre ressaltar que o estudo se encontra estruturado em introdução, metodologia, referencial teórico, resultados e discussão e considerações finais, seguindo a organização tradicional de trabalhos acadêmicos em Sociolinguística Variacionista. O referencial teórico, por sua vez, está dividido em três tópicos, nos quais se apresentam, respectivamente, os fundamentos da perspectiva variacionista, a trajetória histórica de “a gente” no português brasileiro e os principais condicionamentos linguísticos e sociais que regulam a alternância entre “nós” e “a gente” em diferentes comunidades de fala.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa adota abordagem qualitativa, de natureza descritiva e explicativa, ancorada nos fundamentos da Sociolinguística Variacionista, campo consolidado por Labov (1994; 2008), a partir de estudos seminais realizados ainda nas décadas de 1960 e 1970. Essa visão preconiza que a variação linguística é um fenômeno sistemático, condicionado por fatores internos ao sistema da língua e por fatores externos de natureza social, tais como sexo, idade, escolaridade e classe social. Logo, a escolha da abordagem qualitativa justifica-se pelo interesse em compreender os padrões de uso pronominal em profundidade, observando as condições em que cada

variante é produzida e os possíveis condicionamentos que influenciam a escolha dos falantes.

Ainda, a presente pesquisa fundamenta-se também nos procedimentos metodológicos de Gil (2022) e Lakatos e Marconi (2017), especialmente no que se refere à definição de pesquisa descritiva e explicativa, bem como à organização de procedimentos técnicos de coleta e análise de dados.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas sociolinguísticas gravadas, realizadas com autorização prévia dos participantes, em conformidade com os princípios éticos aplicáveis à pesquisa com seres humanos<sup>4</sup>. As entrevistas ocorreram em situação de conversa espontânea, com o mínimo de intervenção por parte do pesquisador, buscando favorecer a produção de fala natural e reduzir o monitoramento linguístico dos informantes, em consonância com a noção laboviana de vernáculo linguístico (Labov, 2008).

Ressalta-se que cada entrevista teve duração média entre dez e quinze minutos, e as gravações foram posteriormente transcritas para análise. A natureza qualitativa da pesquisa não exclui o levantamento de frequências e percentuais de ocorrência, que funcionam como suporte à interpretação analítica dos dados.

A comunidade de fala investigada é composta por moradores de Palmeirante-TO, município de pequeno porte situado na região norte do Tocantins, com população estimada de 4.798 habitantes (IBGE, 2022) e perfil predominantemente rural, com 61,12% da população residindo em zona rural (IBGE, 2022). Os entrevistados têm ensino superior completo e residência mínima de dez anos no município. Foram selecionados dez informantes, distribuídos de forma equilibrada entre cinco participantes do sexo masculino e cinco do sexo feminino, com idades entre 25 e 50 anos, conforme os critérios estabelecidos para a composição de amostras representativas em estudos sociolinguísticos.

A delimitação da amostra com participantes de ensino superior completo justifica-se pelo objetivo de observar o comportamento da variação em contexto de maior monitoramento linguístico, tradicionalmente associado à norma culta. O critério de residência mínima de dez anos visa assegurar a inserção efetiva dos informantes na comunidade de fala investigada, permitindo maior estabilidade na análise das práticas linguísticas locais.

---

<sup>4</sup> Os participantes das entrevistas consentiram com a gravação e tiveram sua identidade preservada por meio de codificação (INF01 a INF10), a fim de se garantir o anonimato em todas as etapas desta investigação.

Foram consideradas apenas ocorrências de “a gente” em posição de sujeito sintático com referência inclusiva de primeira pessoa do plural. Casos ambíguos ou de uso impessoal foram desconsiderados, a fim de garantir maior precisão na codificação da variável dependente.

Logo, a variável dependente analisada é o uso de “a gente” ou “nós” como sujeito explícito de primeira pessoa do plural, e as variáveis independentes incluem o sexo e a faixa etária dos informantes, além do contexto discursivo em que as ocorrências se manifestam.

Por último, importante registrar que a análise dos dados foi realizada por meio de procedimento qualitativo-interpretativo, com apoio de quantificação simples de frequência e percentual, permitindo a descrição da distribuição das variantes e sua relação com os fatores sociais investigados.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### **Sociolinguística Variacionista: Fundamentos Teóricos e Metodológicos**

A Sociolinguística Variacionista é o principal aparato teórico-metodológico desta pesquisa, oferecendo instrumentos para a descrição e análise sistemática da variação e da mudança linguística em comunidades de fala reais. Fundada por William Labov a partir de trabalhos pioneiros realizados em Nova York e na ilha de *Martha's Vineyard*, essa corrente parte do princípio de que a variação linguística não é aleatória, mas condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos que podem ser identificados e quantificados (Labov, 1994).

A variação é, portanto, inerente ao sistema linguístico e se apresenta como uma evidência de processos de mudança em curso ou já implementados nas comunidades de fala (Labov, 2008). Logo, esse princípio contraria a visão saussuriana de língua como sistema homogêneo e abstrato, propondo em seu lugar a noção de comunidade de fala como unidade de análise.

No âmbito da Sociolinguística Variacionista, o conceito de variável linguística é de suma relevância, pois trata-se de um elemento do sistema que apresenta duas ou mais variantes, ou seja, formas distintas que se alternam em contextos semelhantes sem que haja mudança no valor de verdade do enunciado (Mollica; Braga, 2003; Coelho et al., 2015). No caso do português brasileiro, a alternância entre “nós” e “a gente” é um exemplo prototípico de variável pronominal, amplamente documentada em diferentes comunidades de fala e em distintos registros de língua (Lopes, 1998; Vianna; Lopes, 2015).

Desse modo, a identificação dos condicionamentos que favorecem o uso de uma ou outra variante é o objetivo principal das análises variacionistas, que empregam ferramentas estatísticas e critérios qualitativos para a interpretação dos resultados. Por meio desse procedimento, torna-se possível compreender não apenas a distribuição das variantes em uma comunidade de fala, mas também os fatores linguísticos e sociais que influenciam as escolhas realizadas pelos falantes em diferentes contextos comunicativos. Dessa maneira, a variação deixa de ser vista, como lecionam Mendonça (2022) e Guerra (2021), como um fenômeno aleatório e passa a ser entendida como um componente estruturado e sistemático do funcionamento da língua.

A Sociolinguística Variacionista também contribui com uma reflexão crítica sobre os preconceitos associados à variação linguística, especialmente no que diz respeito às variedades estigmatizadas ou às formas consideradas "desviantes" da norma padrão (Bagno, 1999). Labov (1994) observa que mudanças linguísticas não estigmatizadas tendem a se difundir amplamente nas comunidades de fala, penetrando inclusive nos registros mais monitorados e nos grupos com maior acesso à escolarização formal.

Essa visão é fundamental para a interpretação dos dados de Palmeirante-TO, na medida em que permite compreender a predominância de "a gente" entre falantes com ensino superior não como um "erro" ou "desvio", mas como manifestação de uma variante já consolidada no sistema pronominal do português brasileiro (Bagno, 1999; Cezario; Votre, 2011).

Portanto, e em vista do aqui exposto, resta claro que a Sociolinguística Variacionista fornece os pressupostos teóricos e metodológicos necessários para compreender a alternância entre "nós" e "a gente" como um fenômeno linguístico sistemático, condicionado por fatores sociais e estruturais da língua. Ao reconhecer a heterogeneidade como característica constitutiva das línguas naturais, tal enfoque possibilita analisar a variação pronominal de forma científica, afastando interpretações prescritivas e contribuindo para uma descrição mais precisa do português brasileiro contemporâneo.

### **A Trajetória Histórica de "A Gente" no Português Brasileiro**

A forma "a gente" tem origem em um processo gradual de gramaticalização, pelo qual a expressão nominal "a gente", composta pelo artigo definido "a" e pelo substantivo "gente", passou a ser reanalisada como pronome pessoal de primeira pessoa do plural no português brasileiro (Zilles, 2007).

Nesse sentido, são as lições de Silva (2025, p. 03):

O termo gente tem sua origem no substantivo feminino latino *gens gentis*, inicialmente utilizado para representar o coletivo. Atualmente, ao ser antecedido pelo artigo definido feminino a gente assume o papel de pronome variante da primeira pessoa do plural. Embora essa forma pronominal não seja tradicionalmente nomeada pela gramática normativa como pronome de primeira pessoa do plural, sua presença e uso pelos falantes são inegáveis.

Esse processo, documentado em estudos diacrônicos e sincrônicos, é caracterizado pela progressiva perda das propriedades nominais da forma e pela aquisição de propriedades pronominais, como a capacidade de funcionar como sujeito explícito com referência à primeira pessoa do plural (Guerra, 2021).

Nesse contexto, Naro, Scherre e Yacovenko (1993) situam a consolidação de “a gente” como pronome no contexto mais amplo das mudanças que afetaram o sistema pronominal do português brasileiro a partir do século XIX, associadas à reestruturação do quadro de pronomes pessoais e ao aumento da frequência de sujeitos expressos.

Por sua vez, Duarte (1993) demonstra que o português brasileiro passou por uma trajetória de enriquecimento do paradigma de sujeitos pronominais expressos, em contraste com o português europeu, que manteve a tendência ao sujeito nulo. Desta feita, a expansão de “a gente” como sujeito explícito de primeira pessoa do plural integra um conjunto mais amplo de mudanças que aproximam o português brasileiro de línguas de sujeito obrigatório, ampliando as possibilidades de expressão pronominal disponíveis aos falantes (Duarte, 1993; Guerra, 2021).

Não se ignora, ainda, que Lopes (1998) documenta, com base em dados do Projeto NURC (Norma Urbana Culta), que “a gente” já era utilizada de forma produtiva na fala culta do Brasil na segunda metade do século XX, com percentuais variáveis conforme a região, o sexo e a faixa etária dos informantes. O Projeto NURC, desenvolvido em diversas capitais brasileiras a partir da década de 1970, teve como objetivo registrar e analisar a variedade urbana culta do português falado no país, constituindo uma das mais importantes bases de dados para os estudos linguísticos brasileiros.

Dessa forma, os resultados apresentados por Lopes (1998) evidenciam que a expansão de “a gente” não se restringia a grupos com menor escolarização, mas já alcançava falantes pertencentes aos segmentos mais escolarizados da população, indicando um processo avançado de gramaticalização e consolidação dessa forma no sistema pronominal do português brasileiro.

Ademais, é preciso destacar que, a partir da virada do século XXI, estudos realizados em diferentes regiões do Brasil confirmam a expansão contínua de “a gente” em todas as camadas sociais e registros de língua. Zilles (2007) demonstrou, por meio de estudos em tempo aparente e em tempo real, que a variante inovadora avança de forma consistente entre falantes mais jovens e com maior escolaridade, sugerindo tratar-se de uma mudança em curso plenamente implementada no sistema pronominal do português brasileiro.

De forma análoga, e mais recentemente, Vianna e Lopes (2015) mapearam a variação entre “nós” e “a gente” em diferentes regiões do país, confirmando a predominância da variante inovadora na fala espontânea de informantes de diversas comunidades, e Silva (2025) identificou padrão semelhante em variedades do português falado no Nordeste, corroborando a tese da difusão nacional da variante.

Portanto, a trajetória histórica de “a gente” demonstra um processo contínuo de mudança linguística que culminou em sua consolidação como pronome de primeira pessoa do plural no português brasileiro. Em outras palavras, essa forma ultrapassou diferentes barreiras regionais e sociais, tornando-se amplamente difundida entre falantes de distintos perfis. Assim, a expansão de “a gente” aponta, a um só tempo, a reconfiguração do sistema pronominal da língua e a dinâmica natural de renovação e adaptação que caracteriza as línguas em uso.

### **Condicionamentos Linguísticos e Sociais da Variação entre “Nós” e “A gente”**

A alternância entre “nós” e “a gente” no português brasileiro não é aleatória, uma vez que os estudos variacionistas identificam um conjunto de condicionamentos linguísticos e sociais que influenciam a escolha dos falantes por uma ou outra variante. Entre os fatores linguísticos, o tempo verbal é um dos condicionamentos mais consistentemente documentados, pois, como aponta Omena (1989; 1996), o pretérito imperfeito, o presente do indicativo e as formas nominais tendem a favorecer o uso de “a gente”, enquanto o futuro do presente e o pretérito perfeito favorecem “nós”.

Os resultados de Omena (1989) demonstram que a distribuição de “a gente” não ocorre de maneira uniforme entre as diferentes funções sintáticas. Em sua investigação sobre a fala carioca não culta, a autora verificou índices de 84% de uso da variante em adjuntos adverbiais, 73% na posição de sujeito e 72% em complementos. Esses dados evidenciam que fatores estruturais da língua,

especialmente a posição sintática ocupada pelo pronome, podem influenciar significativamente a escolha entre “nós” e “a gente” pelos falantes.

Por sua vez, Fernandes e Gorski, referenciados por Lopes (1998), verificam a tendência de maior uso de “nós” com verbos no pretérito e de “a gente” com verbos no presente, dado que se articula com a hipótese de que a variante conservadora se mantém mais resistente em contextos de fala sobre eventos passados, possivelmente em função da maior distância temporal em relação ao momento de enunciação.

No que se refere aos condicionamentos sociais, a escolaridade foi apontada por Omena (1989) como fator relevante. A autora observou que a passagem pelo ensino fundamental favorecia o uso de “nós”, em razão do ensino sistemático da conjugação verbal na escola. Entretanto, estudos mais recentes, como os de Freitas, Rodrigues e Santos (2022), colocam em questão a força dessa tendência, especialmente em contextos de escolarização mais elevada.

Ademais, o fator sexo também foi investigado em diferentes estudos, com resultados não conclusivos, como observa Silva (2025), para a qual há pesquisas que mencionam o maior uso de “a gente” entre mulheres, enquanto outras pesquisas não encontram diferenças significativas entre os sexos no que tange a substituição de “nós” pelo “a gente”, sugerindo que a influência dessa variável pode oscilar conforme as características socioculturais e linguísticas da comunidade analisada.

Já Mendonça (2022) aponta que o controle dos traços semânticos das variantes é um desafio metodológico relevante para os estudos variacionistas, uma vez que “nós” e “a gente” podem apresentar diferenças sutis de referência e inclusividade em determinados contextos discursivos. Logo, aponta para a necessidade de análises que considerem também os aspectos semânticos e pragmáticos envolvidos na escolha das duas formas pronominais, não somente os fatores culturais e estruturais.

Enquanto isso, Freitas, Rodrigues e Santos (2022), em estudo realizado em Fortaleza na segunda década dos anos 2000, identificaram que fatores linguísticos como a saliência fônica e o paralelismo discursivo exercem influência sobre a alternância entre as variantes, sugerindo que a variação entre “nós” e “a gente” é condicionada por um conjunto complexo de fatores que varia conforme a comunidade de fala investigada.

Resta claro, do aqui exposto, que a alternância entre “nós” e “a gente” é um fenômeno linguístico complexo, condicionado por variados fatores de natureza estrutural, social, semântica e discursiva. A escolha entre essas variantes segue padrões sistemáticos de uso, refletindo tanto a dinâmica interna da língua quanto as

características socioculturais das comunidades de fala, o que reforça a relevância de análises variacionistas para a compreensão do português brasileiro contemporâneo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados coletados nas dez entrevistas sociolinguísticas realizadas no município de Palmeirante-TO evidenciam um padrão altamente sistemático de distribuição das variantes pronominais de primeira pessoa do plural em posição de sujeito, com predominância expressiva da forma “a gente” em relação à forma “nós”. O *corpus* analisado é composto por falas espontâneas de dez informantes com ensino superior completo, todos residentes no município há pelo menos dez anos, sendo cinco homens e cinco mulheres, com idades entre 25 e 50 anos. A investigação identificou um total de 138 ocorrências de referência à primeira pessoa do plural, das quais 118 correspondem à variante “a gente” e 20 à variante “nós”, o que representa, respectivamente, 86% e 14% do total analisado.

Esse resultado é digno de nota, pois aponta que a escolarização formal não impede, por si só, a adoção da variante inovadora na oralidade, reforçando a ideia de que mudanças linguísticas não estigmatizadas podem se sobrepor progressivamente às prescrições da norma-padrão mesmo entre falantes com ensino superior, corroborando a perspectiva laboviana.

A distribuição geral das ocorrências evidencia, portanto, uma forte assimetria entre as duas formas em análise, indicando que “a gente” se consagra como a variante preferencial no grupo investigado. Tal resultado é relevante por se tratar de um grupo composto exclusivamente por falantes com nível superior completo, o que, em termos tradicionais de normatividade linguística, poderia sugerir maior adesão à forma prescrita pela gramática normativa, isto é, “nós” com concordância verbal em primeira pessoa do plural. No entanto, os dados apontam para uma realidade distinta, na qual a forma inovadora não somente compete, mas praticamente substitui a forma conservadora na maior parte dos contextos de uso espontâneo.

A análise individual dos informantes reforça esse padrão geral. Quatro participantes (INF01, INF04, INF05 e INF06) apresentaram uso categórico da variante a gente, sem qualquer ocorrência de “nós”, o que sugere uma possível gramaticalização mais avançada dessa forma em seus sistemas linguísticos individuais. Entre os demais seis informantes, observa-se alternância entre as duas variantes, com predominância de “a gente” em quase todos os casos, exceto INF07, que apresenta uma distribuição equilibrada entre as formas (50% para cada). Desse

modo, mantém-se a predominância geral da variante inovadora, ainda que haja variação interna no comportamento de alguns participantes.

Para melhor visualização, tais resultados são sintetizados na tabela a seguir, que evidencia a distribuição quantitativa das variantes por informante, sexo, idade e frequência de uso.

**Tabela 1:** Distribuição de “nós” e “a gente” em posição de sujeito.

| Informante   | Sexo | Idade | “a gente”  | %          | “nós”     | %          |
|--------------|------|-------|------------|------------|-----------|------------|
| INF01        | F    | 25    | 25         | 100%       | 0         | 0%         |
| INF02        | F    | 34    | 8          | 89%        | 1         | 11%        |
| INF03        | F    | 35    | 9          | 82%        | 2         | 18%        |
| INF04        | F    | 45    | 7          | 100%       | 0         | 0%         |
| INF05        | F    | 47    | 7          | 100%       | 0         | 0%         |
| INF06        | M    | 26    | 13         | 100%       | 0         | 0%         |
| INF07        | M    | 31    | 6          | 50%        | 6         | 50%        |
| INF08        | M    | 41    | 14         | 70%        | 6         | 30%        |
| INF09        | M    | 43    | 17         | 89%        | 2         | 11%        |
| INF10        | M    | 45    | 12         | 80%        | 3         | 20%        |
| <b>Total</b> |      |       | <b>118</b> | <b>86%</b> | <b>20</b> | <b>14%</b> |

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2026).

A leitura da tabela acima, portanto, evidencia que a variante “a gente” é majoritária em todos os estratos da amostra, com variação individual relativamente restrita. Mesmo entre os informantes que apresentam maior incidência da forma “nós”, como INF07 e INF08, a variante inovadora ainda ocupa posição de relevância significativa, o que reforça seu caráter dominante na comunidade de fala investigada. Merece também destaque o fato de que quatro informantes (INF01, INF04, INF05 e INF06) empregaram exclusivamente a variante “a gente”, enquanto nenhum utilizou apenas “nós”.

Esse padrão sugere que, na amostra investigada, a variação entre nós e a gente não se apresenta como uma alternância livre e equilibrada, mas como um processo assimétrico em favor da variante inovadora, possivelmente associado a um estágio avançado de consolidação dessa forma na comunidade de fala analisada.

Importa destacar que as entrevistas sociolinguísticas foram conduzidas com o objetivo de minimizar o monitoramento da fala, favorecendo a produção de dados

mais próximos do vernáculo dos informantes. Cada entrevista teve duração média entre dez e quinze minutos, totalizando aproximadamente entre 100 e 150 minutos de gravação, posteriormente transcritos para análise. Esse procedimento está em consonância com os princípios metodológicos estabelecidos por Labov (1994), segundo os quais a observação da língua em uso natural é condição fundamental para a análise da variação e da mudança linguística.

Dessa forma, o resultado global de 86% de uso da variante “a gente” em oposição a 14% de “nós” indica uma forte tendência de reorganização do sistema pronominal do português brasileiro, fenômeno amplamente documentado na literatura sociolinguística. Coelho et al. (2015) destacam que a Sociolinguística Variacionista permite compreender a língua como um sistema heterogêneo, no qual formas concorrentes coexistem em diferentes graus de estabilidade e prestígio social. Nesse sentido, os dados de Palmeirante-TO evidenciam uma situação em que a forma inovadora assume papel predominante, sugerindo que a variação já se encontra em estágio avançado de estabilização.

Ademais, tal constatação se aproxima das análises de Duarte (1993), que descreve a trajetória histórica do sujeito no português brasileiro como um processo de progressiva expansão do sujeito pleno em detrimento de formas nulas e de reestruturação dos paradigmas pronominais. A emergência e consolidação de “a gente” como forma de primeira pessoa do plural insere-se nesse movimento mais amplo de reconfiguração do sistema pronominal, no qual a língua falada se afasta progressivamente da norma prescrita pela tradição gramatical.

No mesmo sentido, Naro, Scherre e Yacovenco (1993) já haviam apontado que a forma “a gente” é um caso emblemático de mudança linguística em curso no português brasileiro, caracterizado por processos de gramaticalização e expansão funcional. Segundo esses autores, a forma deixa de ser apenas uma expressão nominal para assumir plenamente funções pronominais, concorrendo diretamente com “nós” no sistema de referência à primeira pessoa do plural. Os dados de Palmeirante-TO reforçam essa interpretação, uma vez que “a gente” aparece não como forma marginal, mas como estrutura amplamente produtiva no discurso espontâneo.

Ademais, a visão de Bagno (1999) também corrobora para a interpretação dos resultados, ao problematizar a noção de “erro” e denunciar o preconceito linguístico associado à desvalorização de variantes não padrão. A predominância de “a gente” entre falantes com ensino superior evidencia justamente a distância entre norma prescritiva e uso efetivo da língua, demonstrando que a forma amplamente utilizada

na fala não pode ser reduzida a estigma ou desvio, mas deve ser compreendida como parte legítima do sistema linguístico em funcionamento.

Cezario e Votre (2011) e Mollica e Braga (2003) reforçam tal entendimento ao conceberem a variação como fenômeno inerente às línguas naturais, resultante da interação entre fatores linguísticos e sociais. Por conseguinte, a alternância entre “nós” e “a gente” não representa instabilidade ou desorganização, mas sim regularidade variável, passível de descrição sistemática. Os dados analisados indicam que essa regularidade é fortemente inclinada para a forma inovadora, o que sugere um processo de mudança já bastante avançado.

Além disso, os estudos de Lopes (1998) sobre o português falado culto no Brasil já haviam identificado a expansão de “a gente” entre falantes escolarizados, indicando que o fenômeno não se restringe a variedades populares da língua. Os resultados de Palmeirante-TO confirmam essa tendência, ao demonstrar que mesmo indivíduos com ensino superior completo apresentam forte preferência pela variante inovadora. Assim, indicam que a escolarização, isoladamente, não atua como fator de contenção da mudança linguística. Esse resultado é ainda mais significativo quando se considera o perfil sociodemográfico de Palmeirante, predominantemente rural, contexto em que a pressão da norma culta, na oralidade, tende a ser menos monitorada, o que pode contribuir para a utilização da variante inovadora mesmo entre falantes escolarizados.

Vianna e Lopes (2015), ao mapearem a variação entre “nós” e “a gente”, também destacam que a distribuição das variantes é condicionada por fatores discursivos, pragmáticos e estilísticos, além de variáveis sociais tradicionais. Nesse sentido, a predominância de “a gente” pode estar associada à sua maior frequência em contextos de oralidade informal, maior leveza morfosintática e menor exigência de concordância verbal, fatores que contribuem para sua difusão no uso cotidiano.

Por sua vez, Freitas, Rodrigues e Santos (2022), ao analisarem a variação em Fortaleza, evidenciam que “a gente” mantém alta produtividade mesmo em contextos urbanos e relativamente escolarizados, o que reforça seu caráter estável no português contemporâneo. De modo semelhante, Silva (2025) aponta a consolidação da variante no Nordeste brasileiro, sugerindo que sua expansão ultrapassa limites regionais específicos e se configura como fenômeno de amplitude nacional.

Ademais, Labov (1994; 2008) oferece o arcabouço teórico significativo para a compreensão desse processo, ao demonstrar que mudanças linguísticas não estigmatizadas tendem a se difundir amplamente na comunidade de fala, atravessando diferentes estratos sociais. Nesse sentido, a predominância de “a gente”

em Palmeirante-TO pode ser interpretada como evidência empírica de uma mudança linguística já implementada, na qual a forma inovadora se encontra plenamente integrada ao sistema linguístico dos falantes.

Nesse contexto, percebe-se que a variação entre “nós” e “a gente” no *corpus* investigado não se apresenta como um sistema equilibrado de alternância, mas como um processo assimétrico de mudança em favor da variante inovadora. A forma “a gente” assume, portanto, um papel de relevo na organização do sistema pronominal dos falantes analisados, enquanto “nós” se restringe a contextos residuais de uso.

Desta feita, os resultados obtidos em Palmeirante-TO confirmam a hipótese de consolidação da variante “a gente” entre falantes com ensino superior completo, contribuindo para o mapeamento da variação pronominal no português brasileiro e reforçando a perspectiva de que mudanças linguísticas podem se difundir amplamente independentemente do nível de escolarização dos falantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se, ao longo deste estudo, investigar se a variante pronominal “a gente” está sendo, de fato, mais utilizada do que a forma “nós” como sujeito explícito de primeira pessoa do plural entre falantes com ensino superior completo residentes em Palmeirante-TO. Os dados obtidos por meio das dez entrevistas sociolinguísticas demonstraram que, das 138 ocorrências de referência à primeira pessoa do plural identificadas no *corpus*, 118 (86%) corresponderam à variante “a gente” e apenas 20 (14%) à variante “nós”, indicando a predominância da variante inovadora na amostra investigada. Esses resultados permitem responder afirmativamente ao problema de pesquisa, isto é, na fala dos participantes analisados, a forma a gente foi mais utilizada do que nós como sujeito explícito de primeira pessoa do plural. Quatro informantes utilizaram exclusivamente “a gente”, enquanto seis alternaram entre as duas formas e nenhum empregou exclusivamente “nós”, o que evidenciou a ampla difusão da variante inovadora entre os participantes.

Demonstrou-se, portanto, que a elevada escolarização dos informantes, representada pelo ensino superior completo, não funcionou como fator inibidor do uso de “a gente”, contrariando parcialmente a hipótese formulada por Omena (1989) de que a escola favoreceria a manutenção de “nós” em razão do ensino sistemático da conjugação verbal. Tal resultado, porém, se aproximou das conclusões de Lopes (1998), Zilles (2007) e Vianna e Lopes (2015), que apontaram a consolidação de “a gente” no português brasileiro contemporâneo independentemente do nível de escolarização dos falantes.

Nesse cenário, a análise dos dados coletados em Palmeirante-TO à luz da literatura sociolinguística brasileira, mormente estudos que investigaram o mesmo fenômeno em outras comunidades de fala, aponta que a variante inovadora “a gente” já ultrapassou as barreiras que, em estágios anteriores de sua expansão, poderiam ser impostas pela pressão da norma culta e pelo ensino formal.

Ainda, indicou-se tendências relacionadas ao fator sexo, observando-se ligeira maior resistência à variante inovadora entre os informantes do sexo masculino, especialmente INF07 e INF08, que registraram proporções mais elevadas de “nós” em comparação aos demais participantes, no que tange a utilização de “a gente”. Embora essa tendência não possa ser generalizada a partir de uma amostra de apenas dez informantes, ela se relaciona com estudos anteriores que identificaram variações no comportamento linguístico de homens e mulheres em relação à adoção de variantes inovadoras (Vianna; Lopes, 2015; Freitas; Rodrigues; Santos, 2022). Portanto, sugere-se que investigações futuras sejam realizadas com amostras mais amplas e maior controle de variáveis avaliem com mais precisão o papel do sexo como condicionamento social da variação pronominal em Palmeirante-TO.

Dando seguimento, do ponto de vista teórico, os resultados foram interpretados à luz da Sociolinguística Variacionista de base laboviana (Labov, 1994; 2008), que concebe a variação linguística como fenômeno sistemático condicionado por fatores internos e externos ao sistema da língua. Nesse cenário, a predominância de “a gente” na comunidade de Palmeirante-TO é compreendida como evidência de uma mudança linguística não estigmatizada amplamente implementada no português brasileiro, em consonância com o princípio proposto por Labov (1994) de que tais mudanças tendem a se difundir de forma contínua e progressiva nas comunidades de fala. Tal processo foi reforçado pela perspectiva crítica de Bagno (1999), que contestou a concepção de que formas não prescritas pela gramática normativa representariam “erros” ou “desvios” linguísticos, propondo em seu lugar uma visão mais ampla e plural da norma culta no Brasil.

Destarte, o presente estudo atingiu seu objetivo de documentar e analisar o uso pronominal de falantes escolarizados de Palmeirante-TO, contribuindo para o mapeamento sociolinguístico do português falado no estado do Tocantins, região ainda pouco representada na literatura da área. Os resultados indicam que, na amostra investigada, a variante “a gente” se encontra amplamente consolidada na fala dos participantes, em consonância com a tendência apontada por estudos realizados em outras regiões do Brasil.

De toda forma, vale destacar que estudos futuros sobre o tema poderão ampliar a amostra, incluir informantes de diferentes níveis de escolarização e investigar os condicionamentos linguísticos específicos, a exemplo do tempo verbal e da posição sintática, que favorecem o uso de uma ou outra variante na comunidade de Palmeirante-TO, aprofundando a dinâmica da variação pronominal no português brasileiro do Centro-Norte do país.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 141-155.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. **Para conhecer a Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary Aizawa (orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993. p. 107-128.

FREITAS, Maylle Lima; RODRIGUES, Lorena da Silva; SANTOS, Hugo Leonardo Gomes. A variação “nós” e “a gente” em fortaleza na segunda década dos anos 2000: fatores linguísticos. **Revista Diadorim**, v. 24, n. 1, p. 161-179, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/48378>. Acesso em: 25 jun. 2026.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2022.

GUERRA, Alessandra Regina. Variação diacrônica do grau de transparência linguística do português brasileiro: o papel do aumento percentual da expressão pronominal do argumento-sujeito. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 63, p. e021011-e021011, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8657215>. Acesso em: 25 jun. 2026.

IBGE. **Censo Demográfico 2022**: Palmeirante-TO. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/to/palmeirante.html>. Acesso em 20 de mai. 2026.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William. **Principles of linguistic change - internal factors**, v. 1. Oxford: Blackwell, 1994.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LOPES, Célia Regina dos Santos. “Nós” e “a gente” no português falado culto do Brasil. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 405-422, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/KQmrjr5yGgL49JPWMSGGhSj/>. Acesso em: 25 jun. 2026.

MENDONÇA, Josilene de Jesus. O controle dos traços semânticos de “nós” e “a gente” em estudos variacionistas. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 64, p. e022032-e022032, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8660585>. Acesso em: 20 abr. 2026.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Liliane. Mudança linguística: o caso de a gente. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary Aizawa (orgs.). **Português brasileiro**: uma viagem diacrônica. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 197-228.

OMENA, Nelize Pacheco. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA E SILVA, Maria Eugênia; SCHERRE, Maria Marta Pereira (orgs.). **Padrões sociolinguísticos**: estudos de fenômenos variáveis do português falado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996. p. 25-30.

OMENA, Nelize Pires de. A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural. In: TARALLO, Fernando (org.). **Fotografias sociolinguísticas**. Campinas: Pontes, 1989.

SILVA, Suziane de Oliveira Porto. A Variação pronominal entre “nós” e “a gente” no português falado no Nordeste: uma revisão integrativa sob a perspectiva da sociolinguística variacionista. **Revista Contemporânea**, v. 5, n. 6, p. e8375-e8375, 2025. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/8375>. Acesso em: 21 jun. 2026.

VIANNA, Juliana Barbosa Segadas; LOPES, Célia Regina dos Santos. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. In: MARTINS, Marco Antônio; ABRAÇADO, Jussara (orgs.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2015. p. 109-131.

ZILLES, Ana Maria Stahl. Grammaticalization of “a gente” as a cluster of changes: evidence from apparent and real time studies. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 13-46, 2007. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6137780>. Acesso em: 20 jun. 2026.